

SOBRE A CONCEPÇÃO DE SUJEITO EM FREUD E LACAN

Adriane de Freitas Barroso¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo sustentar a hipótese de que a noção de sujeito na psicanálise remonta à teoria freudiana, ainda que, nela, careça de definição formal, surgindo apenas nas entrelinhas dos textos de Freud, contrapondo-se à noção de *cogito* cartesiano e à supremacia do eu. É em Lacan, mais tarde, que essa nuance ganha estatuto de conceito, peça central da obra lacaniana e do que o autor nomeia “retorno a Freud”, cedendo espaço, ao fim do ensino lacaniano, ao conceito de falasser, no momento em que a concepção de gozo adquire importância central nas elaborações de Lacan.

Palavras-chave: Sujeito. Inconsciente. Eu. Pulsão. Gozo.

Abstract

The article aims to prove the hypothesis that the notion of ego in psychoanalysis goes back to the Freudian theory, even if it lacks its formal definition, being very subtle in between the lines of Freud's texts, in opposition to the Descartes's *cogito* and the supremacy of the ego. It's in Lacan that this nuance gains status of concept, being the central piece of Lacanian work, that he names “return to Freud”, until the concept of *parletre* takes place.

Keywords: Subject. Trieb. Ego. Unconscious.

[...] parece haver consenso de que o próprio de Freud não é o sujeito. O próprio de Freud é o inconsciente. E, aí, a primeira conclusão que se impõe é que enquanto o inconsciente é freudiano, o sujeito é lacaniano. (CABAS, 2009, p. 29).

O conceito de sujeito ganhou, ao longo da teoria psicanalítica, estatuto de discussão central, a ponto de precisarmos de certo esforço para nos lembrarmos de que ele nem sempre existiu de maneira formal nesse campo de saber. Freud não construiu tal conceito, e suas alusões ao termo costumavam ser feitas associando-o à noção corrente de autor da ação, de participante ativo. No entanto, é possível afirmar que a referência ao que Lacan mais tarde denominou sujeito e sua importância para o avanço da psicanálise residem nas entrelinhas do texto freudiano desde seus primórdios.

¹ Doutoranda em Psicologia (PUC-Minas), mestre em Psicologia (PUC-Minas), com formação em Psicanálise (IPSM-MG). Professora da Faculdade Presidente Antonio Carlos (Barbacena, MG). Email para correspondência: adrianebr@uol.com.br.

Já no “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1895/1996), fica evidente o esforço de Freud para definir o aparelho psíquico, buscando compreender sua existência, sua atividade e suas diferenciações internas. Constatase a tentativa de explicar algo que ultrapassasse a noção de indivíduo centrado na razão e tocasse a construção subjetiva, a partir do descentramento trazido pela descoberta do inconsciente.

Se Freud não se ocupou da tarefa de buscar uma “epistemologia própria” (CABAS, 2009, p. 15) sobre a questão, podemos supor que essa lacuna se dá, entre outros motivos, por sua formação médica, que o leva a usar, em seus textos, termos como “indivíduo”, “sujeito” e “organismo” da maneira como os definia a tradição científica, epistemologia própria de sua época. O sujeito, aqui, ainda era o do *cogito* cartesiano, marcado pela noção de unidade e indivisibilidade, tendo a razão como centro de seu funcionamento e de sua existência.

Uma das grandes contribuições freudianas sistematizadas como conceito, contudo, foi o circuito energético que poria a trabalho o aparelho psíquico, aspecto que introduz no campo analítico a dimensão da causa. Trata-se da pulsão,

(...) conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. (FREUD, 1915/1996, p. 127).

A pulsão é um conceito que faz parte da metapsicologia freudiana, composta por construtos que só se manifestam e são observáveis a partir de seus fins, de seus efeitos. Define-se a pulsão como um estímulo que desestabiliza a tendência à inércia presente na vida psíquica, exercendo a função de um furo que exige que um ato seja realizado para suprimir o desequilíbrio tensional provocado por ela. Opera como força constante proveniente do interior do organismo, tornando inútil a fuga motora, como é possível no arco-reflexo. Esse “furo” está situado no corpo erógeno, que transcende a pura anatomia e se estabelece como a fonte

da pulsão, produzindo circulação ininterrupta no aparelho psíquico. Logo, ainda que se mostre absolutamente impalpável e alheia a uma representação concreta, a pulsão pode ser pensada como a idéia mais próxima de um sustentáculo material do lugar do sujeito na experiência freudiana (GARCIA-ROZA, 2001).

O circuito pulsional traça um movimento pendular: do eu, sua fonte primordial, vai em direção ao objeto, voltando novamente ao eu, de forma sucessiva. Esse caminho circular subverte a noção de sujeito como mero autor da ação, na medida em que o converte também em alvo, objeto. Nesse movimento de ir e vir, algo é produzido. Lacan (1964/1998) situa nesse ponto os primórdios da noção de sujeito, lembrando-nos que Freud, em “As pulsões e suas vicissitudes” (FREUD, 1915/1996), afirma ser possível identificar o surgimento de um “novo sujeito” ao término do circuito pulsional. Teríamos, então, o sujeito como efeito da pulsão, diferenciando-se do eu, outra construção teórica freudiana.

No “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1895/1996), o eu é definido como uma rede de neurônios com função defensiva, organizada para impedir a passagem de qualquer quantidade de energia que surja acompanhada de dor. O recalçamento teria justamente a função de evitar o desprazer: nele, o conceito que não pode aceder à consciência sem causar sofrimento ligar-se-ia a uma imagem acústica alternativa, distinta da original, garantindo então seu acesso. A cura, na clínica psicanalítica, estaria associada à junção do conceito com a imagem acústica verdadeira – nesse momento da teoria, Freud crê na possibilidade da palavra plena, na harmonia entre significante e significado como interrelacionados de forma fixa e estável.

No ano seguinte, em sua “Carta 52” endereçada a Fliess, Freud (1896/1996) explicita o que já havia esboçado no texto “A afasia” (FREUD, 1891/1987) a respeito do mecanismo

do aparelho psíquico. Este funcionaria a partir de rearranjos sucessivos de traços de memória, em diferentes registros, de acordo com o tipo de neurônio – o que torna evidente a conexão inicial das idéias freudianas com a biologia. Diversas camadas superpostas conteriam vestígios de memória deixados como sulcos no aparelho psíquico. Como esclarece Lima (2010), para passar de um elemento a outro, a excitação teria que vencer uma resistência, abrindo um caminho, uma facilitação.

A primeira das camadas do aparelho psíquico, *W* (percepções), estaria ligada à consciência e não guardaria traço de memória, uma vez que memória e percepção excluir-se-iam mutuamente. Somente em *Wz* (indicação de percepção) haveria o primeiro registro da percepção, enquanto a camada a seguir, *Ub* (inconsciente), se encarregaria dos registros de conceitos. A camada *Vb* (pré-consciente) seria a terceira transcrição, de palavras. Para Lima (2010), é justamente nessa terceira etapa que se apaga “a Coisa” (*das Ding*) para advir algo do que, mais tarde, Lacan vai definir como o traço unário (LACAN, 1961-1962), significante que alicerça o sujeito. Finalmente, em *Bews* (consciência), conceito e palavra podem passar à consciência, que surge em lugar de um traço de memória (FREUD, 1896/1996). Como se vê, o órgão responsável pelos estímulos sensoriais e a consciência encontram-se em polos opostos do aparelho psíquico, separados pelos sistemas de memória.

Entre o sujeito e o eu

A concepção de um aparelho psíquico que compreende um inconsciente e modifica sucessivamente seus registros altera de maneira crucial a noção do eu como lugar da verdade que imperava até o surgimento da teoria freudiana, embalada pela prevalência da concepção do *cogito* cartesiano, racional e indivisível. O *cogito* freudiano, ao contrário, revela o eu como

lugar de ocultamento, demarcando que sujeito e eu são termos que não se recobrem. A questão do sujeito passa claramente por um deslocamento radical a partir da lógica psicanalítica e da concepção de eu (GARCIA-ROZA, 2001).

Ao longo da teoria freudiana, colhemos informações de que o eu é uma instância que emana da percepção e tem como traço essencial ser consciente. Contudo, a maior parte da vida psíquica em Freud mostra-se inconsciente, apresentando o eu, tido até então como a sede da experiência subjetiva, como sendo afetado de forma passiva por essa “parte obscura” do aparelho psíquico. Haveria, portanto, dois princípios: a percepção, em estreita conexão com o princípio do prazer/realidade, e a pulsão, ligada a uma satisfação que se situa mais além desse modo de funcionamento, não se restringindo a ele.

É em 1914, em “Sobre o narcisismo”, que Freud (1914/1996) dá definição mais explícita ao eu. Antes de sua constituição no ser humano, haveria um momento inicial, chamado de “auto-erotismo”, marcado pelo surgimento da pulsão a partir de um desvio do instinto. O movimento pulsional, nesse momento, seria ainda anárquico, uma vez que não haveria imagem unificada do corpo sobre a qual pudesse investir de modo sistemático. O eu, na verdade, teria sua constituição intrinsecamente ligada a esse investimento libidinal das pulsões que coexistem na fase auto-erótica e que então se unificam. Tem-se nesse segundo momento o que Freud (1914/1996) nomeia “narcisismo primário”, estado precoce em que a criança investe em si e que prepara terreno para o “narcisismo secundário”, quando a pulsão já é endereçada aos objetos, mas retorna sucessivamente ao eu. Anula-se aqui a oposição entre pulsões do eu e objetal, uma vez que as duas passam a ser vistas como da mesma natureza, diferenciadas apenas pelo objeto de investimento em cada momento.

Como resposta ao narcisismo infantil, temos a formação do ideal, que estabelece

exigências mais intensas ao eu, trazendo a necessidade do recalque quando se percebe uma diferença entre o ideal e o que o eu oferece. A identificação com a fonte parental, modelo a que o indivíduo procura se conformar, converge com o narcisismo, resultando no que Freud nomeia ideal do eu. Há, portanto, duas identificações. A primeira, narcísica primária, é pré-edipiana, e a outra, narcísica secundária, já pressupõe a construção de um Outro.

A construção do eu, conclui-se, ocorre paulatinamente, ligada à consciência e ao inconsciente. Seria a parte do inconsciente que se modificou pela proximidade e influência do mundo externo, servindo de mediador, o que põe em confronto princípio do prazer e da realidade. Outra parte, por sua vez, constituir-se-ia como instância autônoma e agente crítico: o supereu, com função de auto-observação, consciência moral e ideal do eu (GARCIA-ROZA, 2001).

O ano de 1920 significa uma mudança de rumos na elaboração psicanalítica, a partir do momento em que Freud (1920/1996) postula a existência de algo para além do princípio do prazer – e, por extensão, do princípio da realidade – até então tidos como a lógica de funcionamento exclusiva do aparelho psíquico. Se é possível recalcar os representantes pulsionais que geram desprazer, não é possível, por outro lado, silenciá-los de maneira definitiva. A compulsão à repetição é o que escapa ao princípio do prazer, buscando a satisfação pulsional a todo custo, impondo-a como exigência. Seria tarefa do analista superar a resistência e fazer emergir, em intervalos e acima do quadro inercial imposto pelos ideais, o inconsciente, *“bolsões onde as premissas do ideal não são mais que letra morta. E é justamente ali, nesses bolsões, que floresce o sintoma”* (CABAS, 2009, p. 45).

A partir dessa afirmativa, podemos começar a inferir que “inconsciente” pode ser tomado como um dos nomes do sujeito para Freud, aquilo que aflora aos lampejos, de

maneira lacunar, um acontecimento pontual.

A concepção dualista de pulsões sexuais e do eu, suspensa a partir do momento em que o eu passa a ser encarado como um alvo de investimento sexual, transfere-se, então, para a oposição entre pulsões de vida e de morte. Pode-se pensar em uma categoria de pulsão que visa à repetição, à conservação, e outra que impulsiona a descarga, a produção. Em ambos os casos, o objetivo é a constância, a partir da satisfação completa, inatingível, “*repetição de uma experiência primária de satisfação*” (FREUD, 1920/1996, p. 52).

Por debaixo das resistências, Freud deixava entrever, naquela época, a noção de desejo, um dos pontos cruciais de sua teoria. É devido ao confronto entre pulsão e ideal que o desejo traz um desarranjo inevitável entre o conjunto de representações de si e do mundo e a queda dessa identidade que a pulsão vem trazer. Mais uma vez, vemos de soslaio algo do sujeito quando falamos no caráter de fugacidade do desejo, sua aparição repentina e sempre passageira.

Em 1933, na Conferência XXXI, Freud (1933/1996) profere a frase “*wo es war, soll ich werden*”, traduzida comumente por “onde estava o id, o ego deve advir”. Garcia-Roza (2001) opõe-se a essa versão, atentando para o fato de esta não ser sequer a tradução literal da frase em alemão escolhida por Freud. A frase freudiana não traz impasses por questões linguísticas, mas por uma limitação conceitual, uma vez que faltavam ainda recursos para se compreender a construção do sujeito como tal. Após avançar na construção desse conceito, Lacan (1959-1960/1988) vai dizer que não era de substâncias que o pai da psicanálise dizia naquele momento, mas de uma exigência do advento da verdade desconhecida pelo eu, que é compatível com o advento do sujeito, atropelando a concepção cartesiana. Pensemos a tradução da frase usada por Freud, então, como algo próximo de “*ali onde se estava, ali como*

sujeito devo advir” (GARCIA-ROZA, 2001).

Vicissitudes do sujeito em Lacan

É na obra lacaniana que a concepção de sujeito é retirada das entrelinhas da teoria psicanalítica e passa, paulatinamente, ao estatuto de conceito. Lacan começa a trabalhar na psicanálise em um momento em que a teoria freudiana sofria uma apropriação pelos pós-freudianos, centrados na compreensão do eu e em um funcionamento clínico que buscava seu fortalecimento. Essa posição opõe-se ao descobrimento *princeps* de Freud, o inconsciente. Foi buscando fazer face a esse equívoco que Lacan formulou sua teoria, dando novamente primazia ao inconsciente e centrando a teoria freudiana no sujeito (CABAS, 2009).

Em Lacan, o eu é produzido a partir da imagem do Outro, no que ele nomeia “estádio do espelho” (LACAN, 1966/1998). A experiência de fragmentação do corpo pelas pulsões é superada pela cristalização de uma imagem unificante, que passa a ter peso de referência, trazendo uma vivência de júbilo diante do reconhecimento da própria imagem, que sucede o reconhecimento recebido pelo Outro. Há aí um recobrimento imaginário do real, e a cada momento que a experiência especular com o semelhante se repete, o eu consolida-se.

Estabelece-se, conseqüentemente, uma matriz simbólica onde o eu se precipita, que, em Freud (1914/1996), foi nomeada de eu ideal. Trata-se de uma ficção irreduzível, “armadura” que cristaliza o ideal no primeiro momento do narcisismo. Mais tarde, ele será permeado pelos semblantes sociais e sofrerá uma limitação, constituindo o ideal do eu, já submetido aos efeitos da castração.

Embora, em seu primeiro ensino, Lacan tenha voltado a atenção para o imaginário e seus efeitos, o avanço gradativo da teoria torna necessário avançar nessa concepção calcada

no “*moi*”, na identificação, que se mostra insuficiente para abranger a verdade do sujeito. Tem lugar, então, a concepção de sujeito pelo viés do simbólico, marcado de maneira inevitável pela linguagem, alienado no significante. A castração instaura o sujeito barrado, dividido, da linguagem, do inconsciente, do desejo. O que Lacan chama de “sujeito” é justamente esse enigma trazido pela barra, pela divisão que funda o inconsciente, que descentra o indivíduo e a razão (LACAN, 1973/1981).

A primazia do simbólico nesse segundo momento do ensino lacaniano é tamanha que, de alguma maneira, impregna sua teoria, obrigando o autor a novamente revê-la mais tarde.

É no “Seminário, livro 20: Mais, ainda” (1972/1992) que tem lugar a questão do corpo enquanto corpo de gozo, aspecto até então relegado a segundo plano e que se mostra, paulatinamente, fundamental para se pensar a questão do inconsciente. Abre-se aí o terceiro e último momento do ensino lacaniano, marcado pela noção de inconsciente real, que enfraquece a proposta do inconsciente estruturado como uma linguagem e permite fazê-lo emergir enquanto puro campo do gozo não-fálico, ainda que seja o simbólico que o contenha e o faça existir. Prepara-se terreno para o surgimento, poucos anos mais tarde, do conceito de “*falasser*”, explicitado no Seminário 23 (LACAN, 1975-1976/2007). A questão do gozo, então, atinge seu ápice na psicanálise lacaniana, sendo incorporada ao que até então se compreendia como sujeito. O que se procura na fala não é mais a resposta do Outro, mas a satisfação, o gozo fora de qualquer mediação.

A nomeação que vem do Outro e com a qual cada um se identifica é o nome de gozo, atrelando-se ao recalque original, S1, que é significante puro, surgindo como um enxame que não faz cadeia, destituído de qualquer significação (LIMA, 2010). Extraído, esse significante, traço unário, faz existir o conjunto de significantes do inconsciente, desdobrando-se nos S1

disponíveis, roupagens do S1 original das quais a análise busca nos desidentificar, permitindo-nos escolher um significante em torno do qual a falta-a-ser irá girar, saindo do puro assentimento (LACAN, 1973/1981).

O significado é sempre uma operação *a posteriori*, de retroação, permitindo um descolamento dos significados dados pelo Outro até então. Nessa operação S1-S2, nesse deslizamento dos significantes para produzir significado, temos um sujeito que aparece no intervalo, entre um significante e outro, um sujeito que, como já vimos, ao contrário de estabelecer uma solidez, surge como um raio. Trata-se, portanto, muito mais de uma “experiência de sujeito” do que de uma materialidade, uma encarnação. Se a análise promove o descolamento significante-significado, podemos dizer que o que ela faz é alterar o lugar desse sujeito que é efeito, fazendo vacilar identificações cristalizadas.

Conclusão: sujeito como efeito

O descentramento do eu como fonte de todos os atos humanos permite que façamos a pergunta sobre o sujeito. Para Freud, sujeito não é um conceito construído explicitamente, mas algo que surge nas entrelinhas, apresentando-se como o nome do desejo. Mostra-se estranho e estrangeiro ao eu porque inconsciente, oriundo dos imperativos da pulsão. Ele é o que insiste, a repetição que se impõe. Logo, o sujeito não existe por si, mas pode advir a partir do inconsciente (CABAS, 2009).

Em Lacan, a noção de sujeito sofre uma série de transformações na medida em que a teoria avança. Da primazia do simbólico à concepção de gozo que atinge seu ápice no conceito de falasser, fica claro, para o autor, que falta a essa construção qualquer materialidade que tenha sido inicialmente hipotetizada.

Conclui-se, portanto, de forma simplificada e ainda longe de abordar o tema com a extensão e a intensidade que suas vicissitudes exigiriam, que a construção do conceito de sujeito, de Freud a Lacan, avança sucessivamente, atingindo o plano central da teoria lacaniana, onde permanece até a construção do conceito de falasser, que o sucede. No entanto, o sujeito não deixa nunca de ser encarado, do ponto de vista teórico, apenas pelas bordas, de forma indireta, uma vez que sua existência é da ordem do efeito, não da substância.

REFERÊNCIAS

CABAS, Antonio Godino. *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

FREUD, Sigmund (1891). *La afasia*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1987.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII. p. 13-78.

FREUD, Sigmund. Carta 52 (1896). In FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1. p. 281-287.

FREUD, Sigmund. Conferência XXI: a dissecação da personalidade psíquica. (1933). In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII. p. 13-78.

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV. p. 115-144.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1895). *Obras psicológicas*

completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo (1914). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. O sujeito e o eu. In: GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 196-229.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho (1966). In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 96-103.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7: A ética da Psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 9: L'identification (1961-1962)*. Inédito.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: Mais, ainda (1972)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 23: o sinthoma [1975-1976]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. *Les non-dupes errent (1973)*: notes intégrales du séminaire proferé à la Faculté de Droit. Paris : Humilitas, 1981.

LIMA, Celso Rennó. *Uma brecha na fantasia: traço de perversão*. Escola Brasileira de Psicanálise. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Celso_Renno_Sobre_o_traco.pdf>. Acesso em 05 ago. 2010.